

O estrangeiro e as margens da cidade: a presença de europeus nas favelas cariocas

The foreigner and the banks of the city: the presence of Europeans in the favelas of Rio

NICOLAS QUIRION

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo oferecer um olhar qualitativo sobre a presença de indivíduos oriundos de países europeus em determinadas favelas do Rio de Janeiro. Toma-se como caso de estudo a Vila Pereira da Silva, uma pequena “comunidade urbanizada” situada entre os bairros de Santa Teresa e Laranjeiras. Esse assentamento esteve, junto com outros, na vanguarda do processo de expansão das fronteiras do turismo em favelas, e conta até o momento com a presença de um número relativamente importante de residentes permanentes não brasileiros. Habitualmente denominados de “gringos” no Brasil, esses estrangeiros representam um exemplo de migração Norte-Sul, embora não costumem ser considerados como “imigrantes”. A pesquisa, baseada em uma abordagem socioetnográfica, constitui uma tentativa de questionar a relação indivíduo/território em um mundo globalizado, onde a circulação de pessoas, capitais e culturas é fluida e intensa. Contrariando expectativas, os sujeitos da presente pesquisa se estabelecem dentro de um espaço

fortemente diferenciado. Receptáculos históricos dos “outsiders” produzidos pela sociedade pós-escravagista e pelo êxodo rural, as favelas foram deixadas à margem das dinâmicas do desenvolvimento urbano formal, continuando destarte marcadas por um profundo estigma. As narrativas elaboradas em torno da presença de certos estrangeiros em um espaço urbano fortemente marginalizado — tanto quanto os efeitos potenciais das suas presenças nesses territórios — são usadas aqui para destacar algumas questões significativas, na intersecção de conflitos simbólicos e sociais, que podem entrar em ressonância com a história nacional e algumas dinâmicas transescalares em curso.

Palavras-chave: Favela, Estrangeiro, Segregação.

ABSTRACT

This article aims to provide a qualitative look at the presence of individuals from European countries in certain favelas of Rio de Janeiro. Vila Pereira da Silva, a small “urbanized community” located between the neighborhoods of Santa Teresa and Laranjeiras, is taken as a case study. This settlement was at the forefront of the process of expanding the frontiers of tourism in favelas, and to date has been attended by a relatively large number of permanent foreign residents. Known as “gringos” in Brazil, these foreigners represent an example of North-South migration, although they are not usually considered as “immigrants”. The research, based on a socio-ethnographic approach, is an attempt to question the individual/territory relationship in a globalized world, where the circulation of people, capital and cultures is fluid and intense. Contrary to expectations, the subjects of the present research are established within a strongly differentiated space. Historical receptacles of the outsiders produced by the post-slavery society and the rural exodus, the favelas were left aside from the dynamics of formal urban development, continuing to be marked by profound stigma. The narratives elaborated around the presence of certain strangers in a heavily marginalized urban space - as well as the potential effects of their presence in these territories - are used here to highlight some significant issues, at the intersection of symbolic and social conflicts, that may resonate with the national history and some ongoing transescalar dynamics.

Keywords: Stranger, Favela, Segregation

INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro, anfitriã de uma série de grandes eventos internacionais, procurou recuperar nos últimos anos uma imagem de vitrine do Brasil, parcialmente deslustrada desde que perdeu seu *status* de capital federal em benefício da nova, Brasília, em 1960. No entanto, nem os progressos econômicos do país como um todo, nem as políticas de grandes projetos decididos em favor da antiga capital têm sido capazes de fazer desaparecer as profundas disparidades socioeconômicas que marcam a sua identidade urbana. Testemunhas icônicas da injustiça social, inúmeras favelas continuam imprimindo um contraste marcante na paisagem; e

isso não apenas na periferia geográfica da metrópole, mas também nas proximidades imediatas das suas principais áreas de opulência.

Esses bairros, surgidos da “lógica da necessidade” (ABRAMO, 2007) segundo processos arquitetônicos vernáculos e em grande parte espontâneos, passaram por uma inegável consolidação material, graças aos esforços contínuos dos seus próprios moradores e ao resultado cumulativo de políticas de urbanização implementadas a partir da segunda metade dos anos 1970 (GONÇALVES, 2013). Em paralelo, o acesso ao solo urbano tornado possível pela informalidade pôde promover a mobilidade social moderada de parte dos seus habitantes (TURNER e FICHTER, 1972). Além do mais, se as favelas desempenham desde suas origens um papel determinante enquanto fornecedoras de mão de obra barata para o funcionamento econômico da cidade, elas também representam doravante uma verdadeira questão cultural e estética (BERENSTEIN-JACQUES, 2011). Como o destacou Valladares (2005), seria incorreto designar hoje em dia a favela como o receptáculo único da pior pobreza à escala urbana.

De fato, apesar da persistência de representações homogeneizantes, as favelas do Rio de Janeiro constituem espaços diferenciados, tanto pela ampla diversidade das suas localizações geográficas quanto pelas estratificações e divisões presentes dentro de um único e mesmo desses assentamentos informais. Consideramos, portanto, que — a fim de resistir à tentação da essencialização — a noção de heterogeneidade (entre favelas e dentro de uma mesma favela) sempre deveria nortear a reflexão dos estudiosos de tal objeto urbano. Dito isso, reparamos sem surpresa que os assentamentos situados no coração da principal zona de concentração de riqueza da cidade, a Zona Sul, foram os que se beneficiaram (proporcionalmente) do maior esforço de urbanização (CAVALLIERI; VIAL, 2012, p. 4). Alvo principal da política dita de “pacificação”, realizada com a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), essas mesmas favelas conheceram em um primeiro momento certo melhoramento em relação à segurança (CANO, 2012); uma situação cuja estabilidade está hoje em dia profundamente questionada. Por estarem situadas na vizinhança imediata de bairros nobres, com relativa facilidade de acesso às amenidades urbanas (emprego, infraestruturas de saúde, de educação ou de lazer, patrimônio natural e cultural, etc.), o valor do mercado imobiliário de certas favelas conheceu em tempos recentes uma forte inflação, tanto para aluguel como para compra (NERI, 2011). Não é de admirar que seja nessas mesmas favelas (mais urbanizadas e relativamente mais seguras) que encontremos o maior contingente de estrangeiros provenientes de países centrais, como veremos em seguida.

A FAVELA COMO DESTINO DE MIGRANTES

Apesar dos progressos urbanos registrados e das tentativas de valorização simbólica, estas áreas urbanas continuam profundamente marcadas por uma visão negativa, e sofrem os efeitos de acusações incessantes de ilegalidade¹. De maneira muito concreta, a persistência do opróbrio lançado sobre as favelas é expressa pelo tratamento policial diferenciado, particularmente violento, que sofrem regularmente seus habitantes. Conseqüentemente, esses assentamentos, genericamente considerados como perigosos e insalubres, onde não costumam existir títulos formais de propriedade, parecem “vocacionalmente” reservados a certo perfil de morador de baixa extração social.

De alguma forma — e este fato certamente não é alheio à sua má reputação — a favela carioca sempre tem sido refúgio de “migrantes”. Esse foi o caso, em escala intra-urbana, quando no início do século XX grandes reformas expulsaram autoritariamente os habitantes mais precários dos “cortiços”² obrigando-os a construir massivamente casas improvisadas nas encostas dos numerosos morros que fragmentam o espaço urbano local³ (ABREU; VAZ, 1991). Um segundo movimento amplo, iniciado durante a fase de desenvolvimento industrial acelerado por volta dos anos 1950, levou durante várias décadas um fluxo intenso e contínuo de migrantes econômicos domésticos oriundos da região Nordeste, geralmente fugindo das secas e da pobreza de áreas rurais negligenciadas pelas autoridades (LESSA, 2005).

Mais recentemente, foi possível ter conhecimento da existência de uma corrente migratória internacional dirigida, de maneira fragmentária, até certas favelas cariocas. Foi o caso, por exemplo, de grupos sucessivos de angolanos, que se estabeleceram em diversas localidades do complexo da Maré (PETRUS, 2001); ou ainda dos refugiados e imigrantes congolezes cuja presença se tornou significativa em Brás de Pina (TANNURI, 2010). Quantitativamente marginal, difuso, complexo de acompanhar, o fenômeno dos não-brasileiros com um endereço nas favelas tem sido objeto de poucos estudos até agora.

Para os nossos propósitos, optamos por focar migrantes internacionais oriundos de países da Europa; considerados habitualmente como “mais ricos” e “mais avançados” segundo os

¹ A suposta “ilegalidade” das favelas deveria ser fortemente matizada pelo conhecimento dos mecanismos de tolerância, e até de incitação, à favelização que foram notadamente descritos por Gonçalves (2013).

² Esses imóveis de residências coletivas eram administrados por proprietários que subdividiam em excesso as habitações para alugá-las a famílias inteiras.

³ É pertinente destacar que os moradores dos cortiços como das favelas eram na maioria dos casos eles mesmo descendentes diretos dos “migrantes forçados” que foram os africanos deportados pelo sistema escravocrata.

critérios de desenvolvimento em vigor nas democracias capitalistas. Usualmente denominados de “gringos” no Brasil, esses estrangeiros representam um exemplo de migração Norte-Sul, embora não costumem ser considerados como “imigrantes”. Com efeito, como escreveu Sayad (1998, p. 243): “se ‘estrangeiro’ é a definição jurídica de um estatuto, ‘imigrante’ é antes de tudo uma condição social”. Assim, os indivíduos oriundos de países ditos do “primeiro mundo” que transitam em uma cidade como o Rio de Janeiro são a maioria do tempo considerados *a priori* como turistas. Se a estada for duradoura e implicar o exercício de uma profissão, passaremos então talvez a falar de “expatriados”; a categoria de “migrante” fica, desse modo, reservada àqueles que deixaram seu país ou região de origem em busca de melhores condições econômicas ou ainda para fugir de uma calamidade qualquer (BLANCHETTE, 2015).

O senso comum indica, portanto, que o suposto patamar socioeconômico de um estrangeiro oriundo de um país central se aproximaria daquele das faixas mais abastadas da população carioca. Ora, contrariando expectativas, os sujeitos da presente pesquisa decidiram se estabelecer dentro de um espaço fortemente diferenciado, que costuma ser considerado repulsivo pela elite carioca. Receptáculos históricos dos “outsiders” produzidos pela sociedade pós-escravagista e pelo êxodo rural, as favelas foram deixadas à margem das dinâmicas do desenvolvimento urbano formal, continuando destarte marcadas por um profundo estigma.

Não se trata aqui, evidentemente, de levantar a hipótese de uma “corrente migratória” massiva de “gringos” até as favelas cariocas, nem mesmo da existência de “comunidades” formadas por eles dentro desses assentamentos. Desde o pós-segunda guerra mundial, o Brasil não representa mais um destino quantitativamente importante de imigração em escala internacional (LESSER, 2015), e a maior parte do fluxo de estrangeiros que atinge uma capital cultural como o Rio de Janeiro é efetivamente constituída de turistas ou de estudantes. Reduzindo ainda mais o escopo para considerar apenas imigrantes (no sentido jurídico da palavra) que escolhessem as diversas favelas da cidade como local de residência, chegaríamos (se tal cálculo fosse tecnicamente possível⁴) a um número provavelmente anedótico. No entanto, um dos fatores que motivou essa pesquisa foi justamente constatar que a presença estrangeira em determinadas favelas suscitou comentários (por parte da imprensa, dos intelectuais ou até dos próprios moradores) fortemente desproporcionais a sua importância quantitativa.

⁴ Perguntamos a responsáveis do Instituto Pereira Passos e do Secretaria Municipal de Habitação se existia alguma variável de nacionalidade nos diferentes censos levados a cabo nos aglomerados subnormais e nas comunidades urbanizadas cariocas, obtendo uma resposta negativa por parte de ambas as instituições.

De maneira geral, de alguns anos para cá, a instalação de novos moradores visivelmente oriundos de meios socioeconômicos relativamente elevados em determinadas favelas constituiu um fato chamativo, amplamente comentado pelos mais diversos observadores. Os “gringos” foram geralmente apontados como os principais agentes dessa suposta reconfiguração da organização social do território. Em particular, por parte das mídias (tanto brasileiras como internacionais), apareceu um discurso que ora considerava o fenômeno como insólito, ora conjecturava uma possível brecha na manutenção da tradicional segregação residencial no Rio de Janeiro, materializada pela separação entre “morro” e “asfalto” (ou favela e bairro). Emergiu então uma narrativa difusa, veiculada ocasionalmente pelas mídias locais e internacionais e frequentemente apropriada pelos moradores tradicionais das favelas, tanto quanto pelos próprios novos habitantes em questão. Segundo essa interpretação, os estrangeiros teriam “menos preconceitos” contra esses territórios e seriam dotados de uma maior capacidade de adaptação aos costumes e modos de viver “típicos” das favelas cariocas⁵.

Pode-se reconhecer, nas percepções que rodeiam os sujeitos do presente estudo, um aspeto da condição social do “estrangeiro” tal como descrita em uma das obras mais seminais da sociologia clássica. Com efeito, para Simmel (2005) a presença do estrangeiro não costuma ser considerada pela população de acolhida como particularmente problemática. Pelo contrário, esse Outro vem nimbado de uma aura de “objetividade” que pode fazer dele um árbitro diante de certos conflitos entre locais:

Porque este [o estrangeiro] não é determinado a partir de uma origem específica para os componentes singulares de um social, ou para as tendências unilaterais de um grupo. Vai além, faz frente a estes com distância e indiferença, mas um fato especial da distância e da proximidade. Fato especial dado pela relação ambígua entre insensibilidade e envolvimento (SIMMEL, 2005, p. 267).

Embora a distância social entre o estrangeiro e os atores locais não deixe de existir, ela confere um estatuto diferenciado potencialmente aproveitável. No âmbito carioca, pela sua presença em um território historicamente marginalizado, o “gringo” considerado como

⁵ A título de exemplo, a edição brasileira do site da BBC e a Globo publicaram uma série de reportagens sobre estrangeiros morando em favelas no Rio de Janeiro: “Favela Brass ensina instrumentos de sopro a crianças de comunidades” <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/favela-brass-ensina-instrumentos-de-sopro-criancas-de-comunidades-20021912>>; “Ricos 'matariam a mãe' por green card, diz britânico que abriu clube de jazz em favela” <<http://www.bbc.com/portuguese/media-37131514>> ; “O belga que quer revolucionar favelas brasileiras com energia solar” <<http://www.bbc.com/portuguese/media-37166918>>

estrangeiro de tipo simmeliano poderia então contribuir à valorização simbólica do lugar, fluidificando as relações marcadas pelo conflito e a desconfiança que imperam tradicionalmente entre morro e asfalto.

No entanto, no caso que nos interessa, não podemos deixar de lembrar a importância das origens do migrante em relação à integração em um país como o Brasil, cuja história é caracterizada pela importância difusa da ideologia eugenista de “branqueamento” da população (SCHWARCZ, 1993). Foi com base na crença de que o imigrante (mas não qualquer tipo de imigrante: o branco) melhoraria o Brasil que aconteceu, entre o final do século XVIII e o início do século XX, a “importação” de milhões de trabalhadores europeus, em detrimento dos esforços que teriam sido necessários para favorecer a integração dos indivíduos de ascendência africana que foram escravizados (LESSER, 2015). A consciência crescente por parte de certos setores da população do peso exercido sobre a sociedade brasileira pelo projeto nitidamente racista de suposto “melhoramento” da população pelo “branqueamento” contribuiu para criar percepções mais críticas em relação à presença de indivíduos europeus no Brasil; ainda mais no seio de um território de descomunal importância simbólica, como as favelas do Rio de Janeiro.

De fato, se a presença desses estrangeiros foi ocasionalmente considerada como fator de integração das favelas à cidade formal, o protagonismo atribuído excessivamente pela grande mídia a esses agentes vindos de fora deve obviamente ser questionado e relativizado, na medida em que um exame atento das matérias publicadas nos anos recentes tende a mostrar que as mesmas pessoas (um número reduzido) foram regularmente objeto da atenção das mais diversas mídias. Além do mais, essa presença estrangeira foi também muitas vezes considerada como potencializadora de um fenômeno de segregação ainda maior na cidade. Com efeito, o conceito de “gentrificação” foi acionado em tempos recentes pela imprensa, por alguns pesquisadores e por atores políticos críticos para tipificar as mudanças observadas em algumas das favelas mais “privilegiadas” do Rio de Janeiro, consagrando o morro do Vidigal como caso exemplar. Comentou-se que os recém-chegados (na maioria dos casos, estrangeiros) adquiriam casas, realizavam obras de melhoramento e exploravam o lugar pelo aluguel de apartamentos ou propondo novos serviços (bar, hotéis, galerias de arte, etc.), correspondendo assim ao perfil típico de “pioneiros” de um processo de gentrificação supostamente em curso. Essa dinâmica foi então regularmente denunciada como aceleradora da “evicção branca” ou “remoção pelo mercado” denunciadas por Smith (1996) como a principal arma da “cidade revanchista”. Segundo essa leitura, a chegada de novos moradores mais abastados em um bairro pobre (via locação ou compra de bens imobiliários) contribuiria ao aumento dos preços e, *in fine*, à expulsão mecânica

dos residentes mais frágeis até periferias longínquas. Por outra parte, a presença acrescida de categorias socioculturais superiores no âmbito de um bairro popular e tradicional provocaria uma temível homogeneização dos modos de sociabilidade e de consumo, destruidora das práticas e culturas preexistentes.

É necessário apontar as particularidades e limitações desse fenômeno de gentrificação quando aplicado às favelas cariocas. Pesquisas acadêmicas recentes (CUMMINGS, 2013; BONAMICHI, 2016; RIBEIRO, 2017) ressaltaram as dificuldades que existem em encaixar as evoluções das favelas cariocas dentro de um marco conceitual projetado para estudar dinâmicas próprias dos países onde o termo “gentrificação” foi cunhado (tipicamente, os países da Europa e os Estados Unidos). Simples fatores objetivos e materiais, tais como a precariedade da situação securitária, a ausência de regularização fundiária e a existência de um estoque limitado e dificilmente aumentável de imóveis podendo oferecer condições de conforto ótimas, são suficientes para conjecturar que as favelas continuaram sendo globalmente repulsivas pelas classes mais abastadas, que podem (no estado atual das coisas) pagar o preço de uma residência em outro lugar. Porém, é possível dizer que a instalação de “gringos” em certos assentamentos precários participa de uma dinâmica de ressignificação simbólica da favela carioca (LACERDA, SALLES e NOVAES, 2017). De fato, a procura por diversidade e autenticidade por parte de certos novos habitantes mais privilegiados pode se inscrever em uma transformação tendencial do exercício de dominação social, tal como observado em cidades de países mais desenvolvidos (TISSOT, 2011).

Em retorno, esse processo não vai sem despertar a vigilância de certos segmentos politizados da população local. Com efeito, alguns “atores intersticiais” presentes nas favelas (BAUTÈS, 2008) tendem a adotar cada vez mais frequentemente estratégias de afirmação identitárias no âmbito de uma “luta pelo reconhecimento” (HONNETH, 2009) que passa pela preservação do uso popular de um território considerado como *locus* histórico de resistência à opressão racial no Brasil, em uma analogia com o quilombo rebelde do tempo da escravidão (CAMPOS, 2005).

As percepções que rodeiam os estrangeiros oriundos de países mais desenvolvidos que moram em certas favelas cariocas são, portanto, marcadas pela ambivalência e se revelam mais problemáticas do que deixaria pensar uma leitura simmeliana do fenômeno. Mas, no próprio campo, como se manifestam esses dilemas inerentes à condição social dos que vêm de fora?

CASO DE ESTUDO: A VILA PEREIRA DA SILVA

Assentada na encosta do Morro da Nova Cintra, criando uma ligação entre os dois bairros nobres de Laranjeiras e Santa Teresa, a favela Pereira da Silva (também conhecida como “Pereirão”) beneficia-se de uma situação geoespacial vantajosa. Em 2010, segundo o censo do IBGE, se estendia sobre 46.973 m² e contava 366 domicílios para 1.244 habitantes. No entanto, segundo as informações da associação de moradores, o crescimento da comunidade pelo adensamento (em particular na sua parte inferior leste), agravado pelo fenômeno de “coabitação”, teria provocado um aumento constante e marcado da população nos anos recentes. Pereira da Silva foi alvo do programa Bairrinho (MEDEIROS, 1999), coordenado pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH) do Rio de Janeiro. Em virtude dos melhoramentos graduais de urbanização operados, passou a ser considerada como “Comunidade Urbanizada”⁶ em 2011. Sem embargo, diferenças socioeconômicas pronunciadas ainda existem em comparação com os bairros de classe média alta que a rodeiam⁷. Em outra escala, uma observação mais circunstanciada realizada dentro do próprio assentamento deixou perceber uma importante dicotomia interna. A parte alta e baixa-oeste da comunidade apresenta globalmente uma boa qualidade urbana, com vias arejadas e construções consolidadas, oferecendo um prazenteiro aspeto de bairro popular. Enquanto isso, a parte central e baixa-leste apresenta uma malha muito mais densa de habitações, com numerosas vielas estreitas.

A questão da segurança nesse assentamento merece um breve resumo. Hoje, Pereira da Silva é uma das últimas favelas das zonas Sul e Centro a não contar com a presença de uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora). No entanto, pode ser considerada como pioneira do processo hoje chamado de “pacificação”. Em 1999, em resposta a um episódio de violência fortemente mediatizado, o antropólogo Luiz Eduardo Soares, então coordenador de Segurança, Justiça, Defesa Civil e Cidadania do governo Anthony Garotinho — recém-eleito —, decidiu sobre a “ocupação total e permanente da favela” pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. A

⁶ Segundo definição do SMH, a Comunidade Urbanizada é “aquela que tenha sido objeto de programas de urbanização integrada, tais como Favela-Bairro (PROAP), Bairrinho, Programa de Aceleração do Crescimento-PAC e outros similares, cujo projeto tenha garantido a implantação de infraestrutura básica, equipamentos públicos e níveis de acessibilidade satisfatórios; ou que, por esforço próprio de seus moradores e ações públicas diversas, ao longo do tempo, conseguiu alcançar uma situação bastante satisfatória de urbanização <<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp/exibeconteudo?id=4782931>>

⁷ A título de exemplo, segundo o censo IBGE de 2000, a renda média do responsável pelos domicílios particulares permanentes era de 19,6 salários mínimos em Laranjeiras e de apenas três salários mínimos na Pereira da Silva; ao passo que 94% dos moradores de Laranjeiras eram alfabetizados, a proporção era de 81% na Pereira da Silva.

implantação de um batalhão de polícia dentro do próprio morro (o Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais, GPAE) teve então como objetivo declarado fazer da Vila Pereira da Silva uma “comunidade modelo”. A ocupação policial terminou em 2003, mas, em dezembro de 2000, o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) ganhou um quartel-general na proximidade imediata do acesso da favela. Contudo, até a data, é fácil observar que o tráfico de drogas a varejo persiste de maneira intensa em vários pontos da favela, embora sem ostentação de armas de grosso calibre. Não parece existir disputa territorial com outros grupos delitivos há muito tempo, embora operações policiais continuem acontecendo esporadicamente no Pereirão (com uma truculência consideravelmente menor do que aquela deflagrada em outras zonas), provocando, ainda que ocasionalmente, a execução de supostos traficantes. Apesar disso, a imagem de “tranquilidade” associada à Pereira da Silva desde o início dos anos 2000 é um elemento diferenciador sempre amplamente defendido pelos moradores nas suas falas⁸. Por outro lado, como em muitas outras favelas, os trabalhadores do tráfico (sempre ostensivamente presentes nas vielas) têm adotado uma atitude quase constante de neutralidade em relação aos numerosos turistas que passeiam e hospedam-se na comunidade.

Com efeito, Pereira da Silva se situa também na vanguarda da dinâmica recente de turistificação das favelas (FREIRE-MEDEIROS, 2007; MORAES, 2017). Desde o início dos anos 2000, o “Projeto Morrinho”, vasta maquete constituída de tijolos e brinquedos que representa a favela e seu cotidiano, começou a atrair visitantes. O sucesso internacional da obra, iniciada por um grupo de jovens moradores da comunidade, foi assegurado por uma exposição da réplica na Bienal de Veneza em 2007. O sítio original continua sendo intensamente visitado durante *tours* organizados por um dos seus criadores. Em 2005, a pousada Favelinha, construída por um casal germano-brasileiro, começou a receber turistas que ficavam no coração da comunidade. A iniciativa, considerada a primeira desse tipo, foi desde então replicada em diversas favelas do Rio de Janeiro. Pereira da Silva conta hoje em dia com três pousadas, às quais se adicionou um importante número de moradores que recebem hóspedes por meio da plataforma de aluguéis por temporada Airbnb.

No livro “Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística” (2009), Freire-Medeiros realizou um esforço de interpretação do interesse que despertavam nos visitantes estrangeiros os *reality tours* organizados em favelas. A autora ressaltou que a natureza do olhar dos turistas provenientes dos países centrais sobre certas dinâmicas particulares das populações precárias de países menos desenvolvidos ia geralmente além da simples curiosidade malsã. É até

⁸ A esse respeito, ver também o estudo crítico de Rocha (2013).

possível encontrar nesta prática de consumo uma interessante maneira de perscrutar o mal-estar da condição pós-moderna na qual está emaranhado o próprio turista ocidental. O *habitus* comunitário atribuído (de maneira idealizada) ao favelado ficou associado a um tipo de contracultura que se teria desenvolvido por causa da marginalização. Confrontado à confusão ocasionada pelo individualismo e a fragmentação da própria existência, o turista dos países ricos encontraria então na favela o contraponto de um cotidiano opressivo e um modelo de comunidade romantizado (BAUMAN, 2003), o que termina constituindo para ele um intenso motivo de nostalgia atávica⁹. Cabe aclarar que este sentimento de “curiosidade benevolente” do observador estrangeiro sobre o favelado não denota nenhum tipo de “superioridade moral” ou capacidade maior de empatia, mas é antes devido à abertura de espírito típica do viajante, tanto como ao caráter transitório da sua presença em um território atípico e “exótico” para ele.

A patrimonialização turística das favelas cariocas parece assim indicar uma via paradoxal (e fortemente polêmica) pela reabilitação de um tipo de assentamento popular urbano e dos modos de vida a ele associados, geralmente considerados como inferiores e estigmatizados pela sociedade que os produz. Mas, como deve ser apreendida a questão da escolha — aparentemente muito mais radical — de uma residência no próprio âmbito da favela por parte de indivíduos claramente identificados como exógenos a este mundo? Tentaremos entender, agora, com base em uma análise empírica, como diferentes subtipos de estrangeiros lidam com a apropriação desses espaços e do imaginário que carregam.

Os resultados a seguir provêm de uma observação participante desenvolvida com base em uma residência na favela Pereira da Silva entre abril de 2014 e abril de 2015 (um ano), e prolongada por visitas regulares de campo que continuam até o dia de hoje. Foi assim possível observar, a partir desse lugar, os efeitos de um momento muito particular do Brasil, que abrange a realização da Copa do Mundo de Futebol (em junho e julho de 2014) e os preparativos em vista das Olimpíadas de 2016. Na Pereira da Silva, as “intenções de acumulação de capital em diferentes escalas” (MASCARENHAS, 2015, p.10), fortemente incentivadas por esses tipos de eventos mundiais, se manifestaram também. Um número importante de moradores da favela

⁹ No plano estético, a fascinação pelo aspeto “orgânico” dos aglomerados subnormais cariocas muitas vezes é assimilado, de maneira errada, a uma fascinação pela miséria. O sociólogo Rios, um dos primeiros defensores da urbanização *in loco* das favelas, se opôs nos anos 1960 à vontade então forte de apagar o modelo de construção espontâneo imposto na paisagem urbana pelas favelas, considerado desde sua origem pela classe alta como indesejável. Um dos argumentos que utilizou em uma entrevista permite desvendar como o referencial estético do observador pode determinar as diferenças de apreciação do objeto favela: “*eu costumava dizer que a favela era muito mais pitoresca como é, sem padronização, exatamente como eram as cidades medievais. Cheguei a visitar na Europa várias cidades medievais com aquelas ruelas, aqueles becos, onde funcionam muito bem escritórios modernos, com todo o equipamento.*” (RIOS, 2002, p.74).

efetuou reformas e reestruturações dos seus bens imobiliários a fim de permitir a locação de quartos e apartamentos antes e durante os grandes eventos previstos na cidade. Nas falas dos moradores, era sistematicamente o “gringo” que era designado como alvo desses esforços, que deram resultados muito variáveis segundo os casos.

Mas, como explicar a natureza da opção pela favela por parte de um número chamativo de estrangeiros vindos dos países do Norte? Sobre que base esses indivíduos puderam forjar uma percepção positiva do seu ambiente residencial, apesar do medo que costuma inspirar na população carioca? Para responder essas perguntas, devemos começar por lembrar que a ancoragem dos indivíduos estrangeiros no espaço urbano é fortemente condicionada pelo nexos com o mundo local. Essa relação possui especificidades que contribuem para um sentimento de alteridade e/ou de integração no microcosmo ambiente, inscrevendo-se em paralelo em uma relação de proximidade ou de distância com o mundo urbano no seu conjunto. O grupo dos europeus que vivem em favelas situadas nas áreas de centralidades da cidade representa uma questão conhecida pelo autor, que dedicou parte da sua dissertação de mestrado a esta questão (QUIRION, 2015). Lançamos mão aqui de certas entrevistas realizadas durante essa pesquisa, tanto quanto de dados recolhidos mais recentemente no campo.

Na Vila Pereira da Silva, a conseqüente presença de estrangeiros é um fato facilmente observável no campo e bem conhecido dos moradores. Porém, ficou evidente que a grande maioria desses estrangeiros operava apenas uma passagem transitória nesse território. Pascaline¹⁰, 22 anos, é francesa e estudante de arquitetura. Em 2015, realizou um intercâmbio na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Durante os seis primeiros meses da sua estada no Brasil, hospedou-se na favela Pereira da Silva. Alugou por R\$ 600 por mês (tudo incluído) um quarto cujo padrão de conforto elementar não constituiu um problema para ela: “era muito próximo do que eu estava acostumada no subúrbio de Paris”, afirmou. A sua experiência na favela foi qualificada por ela de extremamente positiva: “aqui tem uma vida, um calor humano que não existe no resto da cidade”, entusiasmou-se.

Além da vida social e festiva, da qual participou intensamente, destacou a paradoxal sensação de segurança que oferece a favela. Essa situação se encontra, segundo ela, em oposição àquela dos bairros da cidade normal, onde foi uma vez vítima de assalto, e regularmente era alvo de assédio de rua:

¹⁰ O nome foi modificado para preservar a identidade. Entrevista gravada no dia 12/07/2015.

A favela é o lugar onde me sinto mais segura no Rio. Sei que posso estar com dinheiro ou objetos de valor porque aqui não tem roubos ou agressões. Não sei se é o mesmo em toda favela, mas aqui se sente a comunidade tão forte que não parece possível algo acontecer.

Essa percepção, hegemonicamente compartilhada pelos moradores do Pereirão, confirma a importância dada por Jacobs aos “muitos olhos” da cidade. Efetivamente, segundo a crítica urbana estadunidense: “Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa” (JACOBS, 2000, p. 52).

Por mais que Pascaline haja participado da vida social da favela durante seu tempo de presença, estabelecendo laços de amizade e de trocas culturais com certos vizinhos, o interesse dela por esse território foi meramente passageiro. A sua atuação social se inscreveu dessa maneira no fluxo contínuo, dinâmico e intenso de estudantes e jovens trabalhadores (principalmente estrangeiros) que se estabelecem provisoriamente na favela Pereira da Silva. Essa modalidade de hospedagem lhes permite driblar as dificuldades burocráticas que se apresentam na cidade formal para encontrar um apartamento, aproveitando um aluguel sensivelmente menor e, enfim, se beneficiando com uma “experiência” da cidade que quase todos descrevem como profundamente intensa e enriquecedora.

Em contrapartida, Alex¹¹, 31 anos, francês também, mora de forma contínua na favela Pereira da Silva desde 2009. Com um sócio, comprou em 2010 um vasto casarão de três andares situado perto do acesso da comunidade que comunica diretamente com o bairro de Santa Teresa. Depois de uma reforma, uma pousada de 13 quartos foi inaugurada em 2011 e recebe desde então “entre 200 e 300 turistas por ano. Provenientes da Europa principalmente. Recebemos também australianos, americanos...mas pouquíssimos brasileiros ou latino-americanos”, como ele o afirmou (e como foi possível conferir ao longo da observação participante).

Alex declarou que para o seu público-alvo, o fato de a pousada ser situada em uma favela “é um argumento em favor da casa”. Ele insistiu:

Tem essa busca da autenticidade, estar aqui é forçosamente diferente de estar em um hotel clássico ou em Copacabana (...). A maioria das pessoas pensa que a favela é mais miserável do que realmente é hoje em dia. E além, a favela tem essa arquitetura maluca, selvagem, onde tudo foi feito de maneira um pouco ilegal. Isso é muito interessante para nós, que viemos de um continente onde só

¹¹ O nome foi modificado para preservar a identidade. Entrevista gravada no dia 15/04/2015.

tem regras, normas por todos os lados. Aqui, dá pra ver que é todo o contrário, mas que as coisas funcionam e que as pessoas são muito felizes.

Além de administrar a pousada na Vila Pereira da Silva, Alex é guia de turismo credenciado pela Embratur e leva regularmente grupos de excursionistas (quase unicamente estrangeiros) para passeios a pé em diferentes favelas do Rio de Janeiro (“do Vidigal até o Alemão, faço tudo”, afirmou). Ele mesmo destacou o caráter irônico da sua situação:

É engraçado pensar que vivo graças à favela. É daqui que vem toda a minha renda, seja com a casa ou com os *tours*. O que é doido mesmo, é que sou um gringo que explica a outros gringos o que é a vida na favela. Mas acho que tenho certa credibilidade porque vivo aqui há seis anos, e pois, conheço o tema, me mantenho informado.

Depois de ter convertido com o seu sócio (também francês) um edifício de qualidade medíocre em uma pousada, recentemente dotada de uma piscina, onde as noitadas custam R\$ 140 por pessoa, Alex poderia ser visto como um arquétipo de gentrificador pioneiro, com o agravante de participar ativamente da mercantilização da favela através da sua turistificação. No entanto, ele se defende de criar tensões no tecido social do lugar ou de ficar exclusivamente entre pares estrangeiros:

Na comunidade o respeito é o mais importante... Não temos inimigos, acho que todo mundo gosta de nós. (...) Quando fazemos uma festa, as portas estão sempre abertas, e mesmo quando é um evento a pago deixamos de graça para os moradores da favela. Acho que eles acham engraçado ver gringos na favela deles, e até alguns brasileiros do asfalto. Somos um pouco uma ponte, e isso é interessante.

De fato, durante a observação participante, foi possível notar que a percepção dos moradores tradicionais sobre os turistas e os novos habitantes que visitavam ou se instalavam na comunidade era, na maioria dos casos, positiva. Segue como exemplo um depoimento significativo. Doris¹², 70 anos, poderia ser qualificada como “personalidade pública vocacional” da favela, segundo a categoria idealizada por Jacobs (2003). Gari comunitária aposentada, passou numerosos anos cuidando das ruas da Pereira da Silva e ficou assim conhecida e apreciada por

¹² O nome foi modificado para proteger o anonimato. Entrevista gravada no dia 12/02/2015. Duração: 48 minutos. Língua da entrevista: português.

todos os seus habitantes. Meiga e comunicativa, costuma passar a maior parte do tempo sentada diante da porta da sua casa (situada perto da quadra, um importante ponto de encontro no meio da favela), sem perder uma oportunidade de conversar longamente com os que lá circulam. “Para mim os vizinhos são como família, entendeu? Claro, tem vezes que um fala do outro, fala uma besterinha, mas nada que não seja suportável. Tudo aqui é maravilhoso, as pessoas ficam alegres” declarou, manifestando o seu apego à comunidade. Observadora constante da favela, reparou obviamente nos anos recentes a importante circulação de indivíduos exógenos nas vielas, fenômeno que qualificou nos seguintes termos:

Dá valor ao morro também, eu acho... O morro fica bem visto. As pessoas falam – desculpa aí, tá? – “poxa estão vindo gringos, agora tá cheio de gringos...” E sei lá, é tipo um elogio, entendeu? As pessoas veem a comunidade como algo bonito, eu acho ótimo.

Apesar dessa descrição vantajosa, entrevistas conduzidas com moradores tradicionais deixaram aparecer, ocasionalmente, um tom crítico em relação às iniciativas como as de Alex (lembramos que existem três pousadas ativas na favela). Certos moradores se sentem ainda excluídos dos eventos que acontecem regularmente nesses lugares e, recorrentemente, lamentam a fraca implicação dos turistas e estrangeiros residentes na dinâmica local.

Durante várias reuniões da associação de moradores que presenciei, a presidenta, Samanta, costumava destacar a implantação de pousadas como um revelador dos melhoramentos que teriam acontecido durante a sua atuação na direção da associação, que começou em 2008. Porém, questionada sobre o seu sentimento em relação à presença de estrangeiros na favela, adotou um ponto de vista mais matizado:

Eu acharia muito boa, ótima, construtiva... se a comunidade tivesse um retorno cultural desta vinda dos estrangeiros pra cá. Como o ensino d’uma língua estrangeira, a participação nos mutirões, o convívio com algumas famílias que precisam...

Essa cobrança por mais participação comunitária por parte dos moradores era recorrente nas falas dos moradores tradicionais. No entanto, a atuação de pelo menos um dos novos habitantes estrangeiros atraía geralmente a aprovação e os elogios do conjunto dos moradores da favela. Bill¹³, 35 anos, inglês, reside na Pereira da Silva desde 2012. Músico profissional de *jazz*,

¹³ O nome foi modificado para proteger o anonimato. Entrevista gravada no 18/08/2015.

decidiu em 2013 abrir uma escola de música (a “Favela Brass”) onde, no momento da entrevista, 22 crianças e adolescentes da favela entre cinco e 14 anos recebiam gratuitamente aulas.

No início, Bill organizava eventos gastronômicos para poder comprar instrumentos de segunda mão que servissem para as aulas. Com o tempo, organizou nas redes sociais campanhas de doações, alvejando principalmente a Europa, a fim de “apoiar um projeto social com crianças em uma favela do Rio de Janeiro”. Com esse método conseguiu progressivamente o número suficiente de instrumentos de qualidade, inclusive peças muito caras como saxofones, trombones ou clarinetes. Bill resumiu assim a sua atuação social na favela: “Quero ajudar as crianças daqui. É bom eles terem essa opção da música como eu tive mais jovem na Inglaterra. É uma possibilidade para eles de ir para outros lugares”. Efetivamente, segundo ele, essa aprendizagem musical não seria possível de outra maneira:

Primeira coisa: os instrumentos são muito mais caros que na Europa e não tem tanta escolha. Depois, nas escolas públicas, tipicamente o ensino da música não existe, ou é bem fraco. E eu acho que ninguém aqui tem como pagar aulas particulares de música.

A atuação de Bill que, segundo ele, lhe exige um grande investimento de tempo sem que exista nenhuma vontade de gerar lucros, tem dado resultados empolgantes, como a realização de múltiplas apresentações com as crianças da escola em diversos palcos da cidade e, mais recentemente, uma exposição diante de um vasto público no Boulevard Olímpico na ocasião das Olimpíadas. Bill insistiu na importância da transmissão de um capital cultural:

Não quero ser um Afro-reggae ou algo assim, só quero fazer uma pequena escola de excelência pelas crianças do Pereirão. Quero melhorar a qualidade, dar atenção a cada um. Que as poucas crianças que realmente gostam da música possam progredir e fazer shows ou utilizar esse talento como quiserem; talvez para dar também aulas de música depois, o que dá muito dinheiro aqui.

Depois de mais de quatro anos na favela, Bill foi testemunha das evoluções da favela. Confrontado sobre a natureza dessas, declarou espontaneamente: “Tem mais gringos... Acho que estão integrados, não vejo tensão, não sei se é bom ou é ruim. Mas não gostaria de ver a comunidade gentrificada”.

O perfil de Bill poderia de fato corresponder à categoria de gentrificadores descritos pela socióloga estadunidense Brown-Saracino: os “*social preservationists*”. Em “*A neighborhood that never changes: gentrification, social preservation, and the search for authenticity*”(2009, p. 80), a pesquisadora

realizou uma etnografia dos recém-chegados de classe média em diferentes comunidades tradicionais dos Estados Unidos e evidenciou a existência de uma autoconsciência crítica nesses indivíduos exógenos. Cientes das eventuais consequências deletérias das suas presenças sobre um tecido social tradicional frágil, demonstrariam um respeito profundo pelos moradores tradicionais, tentando entender-lhes e — de maneira às vezes proveitosa, às vezes infeliz — envolver-se na preservação da vida coletiva dos bairros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa, ainda em curso, foi possível constatar empiricamente que, progressivamente, algumas favelas situadas nas proximidades das centralidades urbanas do Rio de Janeiro (especialmente da Zona Sul, a mais valorizada econômica, cultural e simbolicamente) tornaram-se ocasionalmente destino de instalação residencial de indivíduos oriundos de países mais desenvolvidos — mais particularmente da Europa Ocidental. Percebidos como pertencendo a categorias socioculturais superiores, estes novos moradores parecem fora de sintonia com a realidade das favelas, conhecidas tradicionalmente para acomodar os mais desfavorecidos. A favela Pereira da Silva constitui, a nosso ver, um caso interessante pela observação deste processo, que por enquanto foi estudado principalmente nas favelas situadas nas proximidades da orla marítima. A temporalidade escolhida para estudar este fenômeno corresponde a um período particular de atração econômica e cultural do Brasil. Embora esteja em refluxo desde o final dos grandes eventos e por causa da deterioração das condições de segurança (relacionada com a crise do modelo de segurança pública conhecido como “pacificação”), a presença de estrangeiros em certas favelas cariocas parece ter deixado uma sedimentação importante.

No âmbito da nossa pesquisa, consideramos relevante focar a atenção sobre o que as percepções sobre imigrantes oriundos de países mais desenvolvidos podem nos mostrar em relação à evolução da favela carioca através do tempo, a sua heterogeneidade atual e a sua relação com o resto da cidade. Torna-se, por conseguinte, importante pensar como essas mudanças questionam as relações complexas desses espaços marginalizados com a sociedade brasileira como um todo — ela mesma sendo confrontada com a aceleração de certas dinâmicas de globalização.

A observação das trajetórias de alguns migrantes internacionais em diferentes favelas do Rio de Janeiro é apreendida como uma oportunidade heurística para refinar a compreensão de dinâmicas sociais específicas. Com efeito, a presença de estrangeiros em um determinado

território geralmente tende a favorecer a emergência de novas representações urbanas, sejam elas positivas ou negativas. Assim, a observação de migrantes em um espaço urbano historicamente marginalizado, embora ligado ao resto da cidade por uma “uma rede finamente estratificada de elos” (WACQUANT, 2008, p. 84), permite lançar um olhar novo sobre as questões habituais de diferenciação urbanas em relação às lógicas de exclusão e de estigmatização, bem como de cosmopolitismo e de fluidificação de relação mercantil. A possibilidade de constatar a materialidade desses fenômenos nas favelas cariocas é considerada um sinal para identificar possíveis tendências embrionárias, apontando para desafios futuros.

O recurso à história social brasileira sublinha determinados movimentos que contribuíram à formação da nação. Destacar a importância de dinâmicas passadas permite atingir uma melhor compreensão de concepções ainda hoje imbuídas no imaginário coletivo e destrinchar as complexas narrativas que envolvem o estrangeiro no Brasil. Contudo, uma abordagem que se limitasse a procurar traços do passado no presente resultaria caricaturalmente determinista, como se a história tivesse que se repetir indefinidamente, sem alterações. Ora, em uma conjuntura marcada por uma profunda crise social, econômica e política, mas também pelo fortalecimento de certas formas militantes embasadas na valorização identitária dos grupos sociais historicamente marginalizados, os signos da história tendem (a nosso ver) a adquirir uma importância maior nas tentativas de construção de sentido por parte de diversos agentes políticos. Seguindo a linha socioetnográfica esboçada nas páginas precedentes, reafirmamos que será particularmente relevante acompanhar o tratamento dado à figura do estrangeiro nas favelas do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Pedro. (2007). A cidade com-fusa: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. *Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais* v.9, n.2.

ABREU, Mauricio de; VAZ, Lilian Fessler. (1991). Sobre a origem das favelas. In: ENCONTRO NACIONAL DO ANPUR, 4. Salvador Anais_ Salvador: ANPUR, 28-31 maio. p. 481-492.

BAUTÈS, Nicolas. (2008). Que mais além do espetáculo? Resiliência e desvios ao redor de um projeto de valorização de favela. In: GOMES, M.F.C.M; FERNANDES, L.L.; MAIA, R. S. (Org.). *Interloquções Urbanas: arenas, enredos e atores*. Rio de Janeiro: Arco Iris, p. 111-121.

BAUMAN, Zygmunt. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BERENSTEIN-JACQUES, Paola. (2011). *Les favelas de Rio, un enjeu culturel*. Paris, L'Harmattan.

- BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. (2015). "Almost a Brazilian": Gringos, Immigration and Irregularity in Brazil. In: ACARAZO, Diego; WIESBROCK, Anja (org.). *Global Migration: Old Assumptions, New Dynamics*. Santa Barbara: Praeger, p.167-194.
- BONAMICHI, Nayana Corrêa. (2016). *Favela on sale: regularização fundiária e gentrificação de favelas no Rio de Janeiro*. 131f. Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional — IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro.
- BROWN-SARACINO, Japonica. (2009). *A neighborhood that never changes: gentrification, social preservation, and the search for authenticity*. Chicago: University of Chicago Press.
- CAMPOS, Andrelino. (2005). *Do Quilombo à Favela, A Produção do "Espaço Criminalizado" no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CANO, Ignacio. (2012). *Os donos do morro: uma avaliação exploratória do impacto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, LAV/UERJ.
- CAVALLIERI, Fernando; VIAL, Adriana. (2012). *Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no censo 2010*. Coleção estudos cariocas. N° 20120501, IPP/Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.
- CUMMINGS, Jason. (2013). *Confronting the favela chic: Gentrification of informal settlements in Rio de Janeiro, Brazil*. Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano — Department of Urban Planning and Design, Harvard University Graduate School of Design, Cambridge.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. (2013). *Gringo na Laje*. Rio de Janeiro: FGV.
- _____. (2007). A favela que se ve e que se vende: reflexões epolêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 22 nº. 65.
- GONÇALVES, Rafael Soares. (2013). *Favelas do Rio de Janeiro. História e direito*. Rio de Janeiro: edições PUC.
- HONNETH, Axel. (2009). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo, Editora 34.
- JACOBS, Jane. (2003). *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes.
- LACERDA, Larissa; SALLES, Livia; NOVAES, Patrícia. (2017). Urbanização neoliberal no Rio de Janeiro e seus impactos na favela do Vidigal. In:URBFAVELAS, SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 2. Rio de Janeiro: Letra Capital.Anais. Rio de Janeiro: URBFAvelas, 23-26 nov.
- LESSA, Carlos. (2005). *O Rio de todos os Brasis (Uma reflexão em busca de auto-estima)*. Rio de Janeiro: Record.
- LESSER, Jeffrey. (2015). *A invenção da brasilidade: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Editora Unesp.
- MASCARENHAS, Gilmar. (2015). Brasil, impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas. In:GAFFNEY, Christopher; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos (Orgs.). *Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: E-papers.

- MEDEIROS, M. T. (1999). *Urbanização das favelas cariocas: o programa Bairrinho na Vila Pereira da Silva*. Dissertação de mestrado em planejamento urbano— IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro.
- MORAES, Camila Maria dos Santos. (2017). Um tour pela expansão das fronteiras da favela turística. In: URBFAVELAS, SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 2. Rio de Janeiro: Letra Capital. Anais_Rio de Janeiro: URBFAvelas, 23-26 nov.
- NERI, Marcelo Cortes (coord.) (2011). *UPP e a Economia da Rocinha e do Alemão: do choque de Ordem ao de progresso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- PETRUS, Maria Regina. (2001). *Emigrar de Angola e imigrar no Brasil: jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: história(s), trajetórias e redes sociais*. 250f. Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional — IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro.
- QUIRION, Nicolas. (2015). *Les favelas des zones centrales de Rio de Janeiro, Entre marginalité, ascension sociale, tourisme international et gentrification*. 142f. Dissertação de mestrado em Política, Espaço e Sociedade- Universidade Rennes II, Rennes, França.
- RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. (2017). Gentrificação nas favelas cariocas? In: URBFAVELAS, SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 2. Rio de Janeiro: Letra Capital. Anais_Rio de Janeiro: URBFAvelas, 23-26 nov.
- RIOS, José Arthur (2002). *O que fazer com a população pobre? A favela nos anos 1960*. In: FREIRE, A.; OLIVEIRA, L. L. (org.) *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Rio de Janeiro: Folha Seca, p. 59-102.
- ROCHA, Lia de Mattos. (2013). *Uma favela “diferente” das outras? Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ.
- SAYAD, Abdelmalek. (1998). *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EdUSP.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. (1993). *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SMITH, Neil. (1996). La gentrification généralisée : d'une anomalie locale à la régénération urbaine comme stratégie urbaines globale. In: BIDOU-ZACHARIASEN, C. (Org.). *Retours en ville*. Paris: Descartes & Cie.
- SIMMEL, Georg. (2005). O estrangeiro [1908]. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. João Pessoa: GREM. V. 4, n. 12, p. 265-271.
- TANNURI, Maria Regina Petrus. (2010). *Refugiados congolezes no Rio de Janeiro e dinâmicas de “integração local”: das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais*. Tese de doutorado em Planejamento Urbano e Regional — IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro.
- TISSOT, Sylvie. (2011). *De bons voisins. Enquête dans un quartier de la bourgeoisie progressiste*. Paris: Raisons d'agir.
- TURNER, John; FICHTER, Robert. (1972). *Freedom to build, dweller control of the housing process*. New York: CollierMacmillan.
- VALLADARES, Lícia do Prado. (2005). *A invenção da favela - Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: éditions Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- WACQUANT, Loic. (2008). *As Duas Faces do Gueto*. São Paulo: Boitempo.

Nicolas Quirion

Mestre em Política, Espaço e Sociedade pela Universidade Rennes II (França). Doutorando no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). Bolsista CNPq.